



## EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENSINO REMOTO PELA VISÃO DOCENTE NOS CURSOS DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA E DE JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FRANCISCANA

**Carlos Henrique da Costa Barreto** – carloshcb123@gmail.com  
Universidade Franciscana, UFN, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; Bolsista FAPERGS;  
<https://orcid.org/0000-0002-8113-5286>

**Taís Steffenello Ghisleni** – taisghisleni@yahoo.com.br  
Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5405-9492>

**Elsbeth Léia Spode Becker** – elsbeth.geo@gmail.com  
Universidade Franciscana, UFN, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-9867-1835>

**RESUMO:** Inserido no tema de ensino em tempos de pandemia, este é um estudo bibliográfico exploratório da Comunicação Social que foi desenvolvido na Universidade Franciscana e aplicado diretamente ao corpo docente dos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo com o objetivo geral de compreender os impactos do Ensino Remoto – adotado pela instituição – nas suas metodologias e dinâmicas tradicionais. Para coleta de informações, um questionário via Google Forms foi elaborado a partir de dois diferentes grupos de autores como base teórica: Moreira, Henriques e Barros (2020) e Petermann et al (2020). Da interpretação de seus trabalhos, adaptamos 3 seções de questões em nosso estudo: 1) questões sobre os planejamentos docentes; 2) questões sobre as tecnologias utilizadas no ensino remoto; e 3) uma avaliação conduzida ao docente para refletir sobre sua adaptação ao formato. O questionário foi enviado a um total de 20 docentes divididos entre os cursos e, positivamente, obteve-se o número máximo das respostas. Como resultados, pudemos compreender o panorama de Ensino Remoto pela Comunicação Social na Universidade Franciscana: um corpo docente adaptado e seguro para lecionar neste modelo – mesmo apesar das adversidades encontradas – reconhecendo as mudanças tecnológicas e metodológicas desse cenário como oportunidades para “hibridizar” o ensino (mesmo no futuro, após a pandemia) ressignificando a aprendizagem com as tecnologias contemporâneas da Era Digital e da Informação e da Comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia; Comunicação Social; Ensino; Adaptação.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde o início de 2020, o cenário educacional, na nossa e em diferentes outras sociedades, tem sido amplamente afetado pelas mudanças e adversidades cotidianas impostas pela pandemia da nova Covid-19 (OLIVEIRA; CORRÊA; MORÉS, 2020). Isto pois, diante duma necessidade imprescindível de se manter as aulas e as atividades letivas com adaptação às normas sanitárias de distanciamento social, um alternativo modelo de ensino mediado pela tecnologia tem ganhado destaque como medida emergencial para viabilizar esse processo: o Ensino Remoto Emergencial (ERE). No entanto, este também tem apresentado ao meio acadêmico novos desafios de adaptações e tecnologias tanto quanto

novas possibilidades de aprendizado e de ressignificação do ensino. Nas instituições brasileiras que adotaram essa medida, percebeu-se ao público docente uma urgência – e em curto espaço de tempo – para remodelarem completamente suas formas de acesso e de contato aos estudantes. Não obstante, esse desafio todo através de uma migração integral e repentina de suas metodologias tradicionais de uma sala de aula comum para dentro de uma rotina domiciliar e remota (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

Do exposto, chegamos ao presente trabalho: inserido na temática de ensino em tempos de pandemia, este é um estudo da Comunicação Social da Universidade Franciscana (UFN), de Santa Maria (RS) que foi desenvolvido junto ao corpo docente dos cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo da instituição – uma sociedade acadêmica que, dada a posição em mantimento das aulas, também não ficou de fora do panorama “Ensino Remoto Emergencial”. O estudo se focou na percepção docente acerca do ERE; teve o objetivo geral de compreender os impactos e as mudanças implicadas pela medida emergencial nos respectivos cursos coletando diretamente as visões docentes a partir de um questionário elaborado via Google Forms. De objetivos específicos, buscamos desse questionário 1) pontuar os principais desafios de adaptação sentidos pelos docentes na transição e execução deste modelo em relação ao ensino tradicional; 2) mapear as principais tecnologias, plataformas e multiformatos de conteúdo utilizados como estratégias para adaptar as dinâmicas letivas neste novo formato; e 3) avaliar com estes docentes sua migração e adaptação ao Ensino Remoto.

Por conseguinte, apresentamos a reflexão obtida deste trabalho nos próximos tópicos de maneira condizente: primeiro nossas considerações com abordagem de autores a respeito da migração ao ERE numa sociedade naturalizada pelo ensino tradicional; depois, os aspectos metodológicos desta pesquisa junto de uma apresentação e fundamentação teórica sobre questionário utilizado e sua estrutura; nosso debate de resultados divididos conforme estrutura do questionário; e, de considerações finais, a conclusão do nosso debate com nossa perspectiva construída acerca da experiência docente no ERE. O estudo, mesmo restrito à Comunicação Social, reconhece uma amplitude da realidade à toda comunidade acadêmica que percorreu as mesmas situações. Disso, justificamos uma importância na produção deste trabalho como matriz teórica para dados e percepções docentes que poderão nortear várias novas futuras produções que serão demandadas na temática de ensino em tempos de pandemia.

## **2 MIGRAÇÃO AO ENSINO REMOTO – CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Conforme Arruda (2020), após dadas as medidas sanitárias de segurança e distanciamento social, a adoção do Ensino Remoto Emergencial (ERE), mesmo que na ideia de manter o ensino sem prejudicar os atores acadêmicos, tornou-se uma ação bem mais significativa do que apenas uma mudança no sistema educacional: resultou na suspensão imediata de toda e qualquer dinâmica relativa ao tradicional formato

de ensino presencial em sala de aula. Isso impactou amplamente a comunidade acadêmica em nosso país, tanto na rotina de seus atores quanto na estruturação curricular e metodológica das escolas, universidades e demais instituições de ensino. Isto pois, gerou para professores e alunos a obrigatoriedade de uma repentina e completa transferência de “metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem” (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 352) para dentro de um “desconhecido” meio digital que requer plataformas, tecnologias, ferramentas e conhecimentos bastante específicos e distanciados da dinâmica simples – e comum – que uma sala de aula representa. Por tratar-se de uma discussão teórica, seu discurso deve dialogar com outros discursos (citações diretas e indiretas), sempre na perspectiva de mostrar ao leitor o seu enfoque temático. As citações devem seguir as seguintes orientações:

O Ensino Remoto Emergencial ganhou protagonismo nesse momento de crise, colocando todo corpo social da universidade frente aos desafios de construção de novas formas de ensino-aprendizagem, ressignificando as práticas pedagógicas. Portanto, toda a comunidade acadêmica está sendo severamente impactada e, continuamente, busca-se formas de lidar com a realidade, que afeta as pessoas não só no seu processo de aprender a aprender, mas nos aspectos físicos, emocionais e sociais, diante da crise mundial instalada. (VALENTE et al 2020, p. 2)

Sendo assim, o que esta realidade implicou, sistemicamente falando? Para compreender o Ensino Remoto, Rabello (2020) nos concebe pontualmente sua visão das mudanças num cenário educacional pela adoção deste modelo. Para a autora, trata-se de uma “migração” da sala de aula para o formato não presencial. Vejamos, de modo geral todo o currículo base – aquele currículo elaborado presencialmente – é mantido, mas executado nesta maneira, remota, pelo intermédio de uma plataforma digital; as disciplinas são mantidas, os horários habituais são mantidos, os trabalhos, as avaliações, os conteúdos, as notas, tudo se transforma num sistema adaptado à rotina domiciliar que será acessado e frequentado por alunos e professores, dessa maneira – às vezes por plataformas, às vezes por ambientes virtuais (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020) – tudo no mesmo compromisso e responsabilidade de uma aula comum, presencial, mas remota. Trata-se, resumidamente, de uma espécie de “sala de aula remota” para todos os atores acadêmicos das instituições que o adotam.

Contudo, esta realidade, somada à execução de novas estratégias pedagógicas sob tais situações totalmente adversas, conforme já apontam Appenzeller et al (2020) “trouxe desafios, como capacitação docente, adaptação dos estudantes, saúde mental da comunidade e manejo do tempo para estudo [...] uma preocupação da comunidade acadêmica” (APENZELLER et al, 2020, p. 2). E para exemplificar o que são estes desafios da migração nas aulas presenciais para o meio remoto, tomamos por exemplo o estudo feito por Godoi et al (2020): os autores em questão eram docentes que lecionavam Educação

Física que, por isso, problematizaram como um curso essencialmente presencial – como tal – poderia ser adaptado na dinâmica digital, sem a integração dos alunos aos treinos e atividades físicas comuns de um ginásio ou quadra de esportes, por exemplo. O estudo, mesmo que não relacionado à Comunicação, nos mostra como os docentes e a “capacitação docente” são o grupo que enfrentou e sentiu em peso todos os desafios do Ensino Remoto Emergencial – o que, pela interpretação da fala de Appenzeller et al (2020), resume-se ao desafio geral observado aqui: como professores “naturalizados” no sistema presencial enfrentam a adaptação, migrando e executando, tudo pelo meio remoto? Quais as suas dificuldades e estratégias? Quais ferramentas ou tecnologias empregam para contornar as adversidades? Como fica essa realidade de modo geral? E dentre outras questões.

Visando respostas, estudos exploratórios nesta preocupação já foram feitos em outros espaços e instituições de ensino como o de Moreira, Henriques e Barros (2020) e o relatório produzido por Petermann et al (2020) <sup>1</sup>– este último já relacionado à Comunicação. Trata-se de dois diferentes grupos de autores cujas estruturas de pesquisa elencamos como norte, uma matriz teórica para a construção do nosso presente estudo que desenvolvemos especificamente dentro da nossa realidade, nos cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo na Universidade Franciscana (UFN). De seguimento, estas estruturas, as relações com os autores, o estudo e os resultados são o que desenvolveremos nos tópicos a seguir.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa com caráter descritivo e exploratório, conforme Michel (2009), que “se propõe a verificar e explicar problemas, fatos ou fenômenos da vida real, com precisão possível, observando e fazendo relações, conexões, à luz da influência que o ambiente exerce sobre eles” (MICHEL, 2009, p. 44). Como dito, inserida na temática de ensino em tempos de pandemia, este estudo compõe a segunda etapa de um projeto de pesquisa Probic Fapergs aprovado na Universidade Franciscana sob o edital nº 08/2020 e intitulado “Os multiformatos de mídias e linguagens da comunicação no ensino em tempos de pandemia”. O projeto tem por objetivo geral refletir sobre o emprego dos diferentes formatos de mídias e linguagens comunicacionais atreladas às tecnologias da Era Digital e sua influência no ensino em ambientes formais, não formais e informais, durante períodos de adversidades como o da pandemia do Covid 2019.

---

<sup>1</sup> Este último pertencente ao Grupo de Pesquisa IEP – Inovação em Ensino de Publicidade.

A primeira parte realizada<sup>2</sup> tratou-se de um estudo publicado também na instituição, Universidade Franciscana, que se propôs a apresentar um panorama inicial das principais mudanças implicadas ao cenário educacional pela troca do ensino tradicional aos formatos do ensino não presencial EAD e ERE. Já no presente trabalho, busca-se especificamente a visão do corpo docente onde se desenvolve o estudo: os cursos de Publicidade e de Jornalismo da instituição. Para tanto, utilizamos como principal instrumento de pesquisa – para coletar a visão dos docentes acerca das mudanças e itens percorridos anteriormente – um questionário via Google Forms que elaboramos a partir dos dois grupos de autores destacados: Moreira, Henriques e Barros (2020) e Petermann et al (2020). Confira no Quadro 1 as questões em sua íntegra.

**Quadro 1** - Questões, questionário aplicado

<b>SEÇÃO I</b> – Questões de Planejamento	1. Em relação à sua(s) disciplina(s) como você à(s) classificaria?
	2. Em relação ao seu planejamento inicial para sua(s) disciplina(s), de quanto você considera o impacto causado pela migração ao Ensino Remoto Emergencial?
	3. Descreva quais foram as mudanças mais significativas em relação às suas aulas tradicionais. Considere como base seu planejamento inicial, atividades, dinâmicas e etc.
	4. Em relação às aulas SÍNCRONAS ministradas por videochamadas, qual das plataformas da lista a seguir você MAIS UTILIZOU na sua transição para o Ensino Remoto? (No 1º Semestre/2020, antes da orientação para o Teams) Informe no caso de Outra.
	5. Existe alguma plataforma (já listada ou não) que você TENHA PREFERÊNCIA para utilizar, e que considere realmente COMPLETA para executar suas atividades com os alunos?
	6. Em relação às aulas ASSÍNCRONAS: quais plataformas (além do Moodle Institucional) você utiliza para realizar seus compartilhamentos?
	7. Comente se sente ou sentiu alguma(s) dificuldade(s) ou desafio(s) nas aulas SÍNCRONAS, e quais foram. (Ex: lidar com as plataformas, internet, baixa participação dos alunos, etc.)
	8. E em relação às aulas ASSÍNCRONAS, comente se sente ou sentiu alguma(s) dificuldade(s) ou desafio(s) para compartilhar os conteúdos, e quais foram. (Ex: Onde postar materiais, alunos não visualizando, problemas com arquivos, etc.)
	9. Você precisou estabelecer individualmente um contato EXTRA com algum aluno pelo meio digital para orientações, reforços ou questões gerais das aulas? O que motivou esse contato? Conte como estabeleceu este contato.
	10. Comente COMO os fatores do isolamento impactaram no seu trabalho. E quais foram esses fatores? (Ex: rotina familiar, domiciliar, poluição sonora da rua, ruído de animais, internet, etc.)
<b>SEÇÃO II</b> – Questões de Tecnologia	1. Considerando as suas aulas SÍNCRONAS ou ASSÍNCRONAS, marque os multiformatos que você utilizou para tratar conteúdos com seus alunos. Insira outro, se necessário.
	2. Agora, na SUA OPINIÃO, qual (ou quais) formato(s) de conteúdo você percebe contribuir mais para o engajamento dos alunos durante o Ensino Remoto? Tens alguma experiência de sucesso para compartilhar?
	3. As mídias sociais atuaram de alguma forma nas suas metodologias dentro do Ensino Remoto? Em que elas contribuíram ou em que atrapalharam?
	4. Quais ferramentas, softwares, equipamentos ou outro recurso tecnológico você considera necessário para a execução das suas aulas e trabalhos? (Ex: para as aulas X e trabalhos Y, os alunos precisaram utilizar máquinas fotográficas e softwares de imagens).

<sup>2</sup> GHISLENI, T. S.; BARRETO, C. H. da C.; BECKER, E. L. S. Educação em tempos de pandemia: a migração do ensino para o formato não presencial como um cenário de desafios e possibilidades. *Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas*, v. 21, n. 2, p. 297-311, 2020.”

	5. Descreva a dinâmica que você utilizou para realizar atividades avaliativas como provas, trabalhos ou apresentações.
SEÇÃO III – Avaliação Docente	1. Em relação ao formato da(s) sua(s) disciplina(s) dentro do Ensino Remoto Emergencial, como você a(s) classificaria? Considere o total das suas disciplinas.
	2. De maneira geral, como você considera sua adaptação ao funcionamento do Ensino Remoto? Considere: uso de plataformas, ferramentas, multiformatos, as aulas síncronas, assíncronas, etc.
	3. Diante de futuras situações adversas como a pandemia da Covid-2019, como você se sente em relação à possibilidade de continuar lecionando no Ensino Remoto?
	4. Comente se aprendeu alguma tecnologia, estratégia ou nova metodologia de ensino para acrescentar nas suas futuras atividades, ou mesmo, alguma experiência para evitar.
	5. Já estamos no terceiro semestre do Ensino Remoto, e passamos por várias experiências. Quais características você considera marcante em cada uma dessas etapas? (2020/1, 2020/2, 2021/1).

Fonte: Elaboração do autor com base em Moreira, Henriques e Barros (2020) e Petermann *et al* (2020)

O questionário foi enviado ao total de 20 professores divididos entre ambos os cursos e, positivamente, obteve o número máximo de respostas. Estes resultados foram todos salvos em arquivo – e em planilhas, para os numéricos – e são percorridos a seguir, bem como uma interpretação explicativa do trabalho dos autores para a montagem do nosso questionário. É válido acrescentar que o estudo – propriamente envolvendo seres humanos – passou pelo Comitê de Ética da Instituição, sendo avaliado e, conseqüentemente, aprovado pelo Parecer de Nº 4.647.089 para ser desenvolvido e executado pelos autores.

## 4 DESENVOLVIMENTO – ESTUDO SOBRE ENSINO REMOTO NOS CURSOS DE PUBLICIDADE E JORNALISMO DA UFN

### 4.1 DA ELABORAÇÃO À APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Moreira, Henriques e Barros (2020) produziram no cenário da pandemia o estudo “Transitando de um Ensino Remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia” analisando justamente a transição do Ensino Remoto para uma “educação digital em rede”, ou seja, este modelo em sua execução mais efetiva e produtiva, conforme sugerem no título. Para tanto, pontuam e discorrem sobre itens importantes a se considerar pelos professores na hora da execução de suas metodologias no Ensino Remoto: a planificação e organização dos ambientes digitais (o que interpretamos para uma organização das aulas síncronas ou assíncronas, plataformas e etc.); a comunicação nesses ambientes; a seleção de tecnologias e conteúdos digitais; a preparação das atividades com base nisso; e enfim, as avaliações.

Ainda no mesmo estudo, a partir do desenvolvimento e da percepção dos autores sobre os pontos destacados, eles observam fundamentalmente a realidade de que “no professor recaem, pois, as funções de motivador, de criador de recursos digitais, de avaliador de aprendizagens e de dinamizador de grupos

e interações online” (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 354). Por conseguinte, utilizamos a mesma ideia para dividir o questionário nas três seções vistas em tópico anterior. Organizamos: Seção I) questões sobre planejamento das aulas (síncronas e assíncronas); Seção II) questões sobre as tecnologias e estratégias empregadas para estabelecer a comunicação nos ambientes; e Seção III) questões que conduzem o docente a avaliar como considera sua adaptação ao Ensino Remoto e a novas possíveis atividades em futuras situações adversas.

Já Petermann et al (2020), ligados ao Grupo IEP e mais alinhados à área da presente pesquisa (Comunicação Social), produziram o trabalho intitulado “Ensino Remoto de Publicidade e Propaganda em tempos de pandemia”, um relatório especificado em apresentar uma avaliação de “percepção e sentimento docente sobre a repentina transformação do processo ensino-aprendizagem” (PETERMANN et al 2020, p.4) e também buscando “compreender as condições, o ambiente e as relações de trabalho docente da área em tempos de pandemia” (PETERMANN et al, 2020, p. 4). Diferentemente do estudo antes citado – sendo mais em caráter “tutorial, guia de como executar” – neste era trabalhado diretamente um questionário (pelo digital) com os participantes e, por isso, os resultados eram mais estatísticos, documentais ou pessoais de suas realidades. Os autores observaram pelos comentários uma grande dificuldade, insegurança e até uma certa inadaptação sentida pelos professores frente aos desafios impostos pela pandemia e pelo Ensino Remoto.

Por conseguinte, utilizamos este estudo para compreender como e o que foi abordado/perguntado aos docentes pelas questões para então elaborarmos o nosso questionário – dentro das seções criadas – com questões tanto de múltipla escolha quanto argumentativas a respeito do tema da seção. De seguimento, nossa construção de resultados acerca da realidade observada dentro da Publicidade e do Jornalismo, na Universidade Franciscana – conforme objetivos propostos na introdução<sup>3</sup>.

#### 4.2 SEÇÃO I – QUESTÕES SOBRE O PLANEJAMENTO DAS AULAS

De início duas informações-chave foram coletadas das respostas docentes: 1) 65% das disciplinas em ambos os cursos são divididas entre o caráter teórico e o caráter prático, o que 2) levou a maioria dos participantes (60%) a considerarem a mudança para o Ensino Remoto de grande impacto ao seu planejamento inicial das aulas. Dessa maneira, diversas foram as mudanças sentidas e adaptações necessárias para contornar a adversidade inicial. Segue no Quadro 2 algumas colocações dos próprios docentes:

---

<sup>3</sup> Resultados a seguir sintetizados e divididos por seção, para otimização deste estudo e aproveitamento no número de páginas.

**Quadro 2** - Relatos docentes sobre mudanças iniciais

“A principal mudança foi na elaboração dos materiais, não terem margem de dúvidas. A objetividade e consistência serem marcas registradas. No desenvolvimento da aula, adequações de espaços de interatividade.”
“Atividades práticas de produção de audiovisual, geralmente feitas em grupos, nos laboratórios, com auxílio do professor e técnicos, tiveram que ser adaptadas para somente análises de peças ou produções individuais dos alunos [...]”
“Nas disciplinas de fotografia, basicamente tudo foi modificado para atender à demanda remota, considerando a falta de acesso do discente ao equipamento fotográfico tradicional e disponibilizado pelo laboratório da Instituição [...] as câmeras fotográficas foram substituídas em boa parte do semestre por câmeras de celular [...]”
“A utilização de materiais disponíveis na Internet que tivessem a mesma abordagem utilizada em aulas presenciais.”
“Refiz o planejamento de todas as aulas, incluindo pelo menos uma etapa expositiva a cada aula. Essa mudança foi necessária porque a estrutura de laboratórios e o espaço físico da instituição não puderam mais ser cenário das atividades.”

Fonte: Dados da pesquisa, coleta do autor

Estas colocações enfatizam principalmente a necessidade de tecnologia para criação e produção dentro de cursos como na área de Comunicação Social. Ainda que tenha sido possível se adaptar com mais facilidade as disciplinas teóricas aos intermédios digitais, é o caráter prático – na criação de peças publicitárias ou de materiais jornalísticos – que engloba as tecnologias e dinâmicas essencialmente presenciais de um laboratório de informática, do audiovisual, da fotografia e da imagem, do debate ou de afins que traz em peso o desafio docente. Conforme os relatos, a produção de material didático na pandemia tinha de ser precisa, completa, sem margem para dúvidas e ainda limitada ao acesso tecnológico pessoal de cada aluno que – por vezes – era inferior às disponibilidades da instituição, assim tornando o andamento das aulas mais lento e trabalhoso do que o normal.

Em vista disso, buscamos compreender de que maneira os docentes tinham preferência por ministrar suas aulas remotas. Ao segundo semestre de 2020, uma normativa da Instituição determinou o uso das plataformas Microsoft Teams e Moodle Institucional para estabelecer as atividades síncronas e assíncronas, respectivamente, então esclarecemos no questionário que buscávamos a preferência do docente em relação à todas as plataformas que conhecia, independente da padronização (estas questões em caixa de seleção, permitindo várias escolhas). Para aulas síncronas a maioria (55%) declarou que já preferia mesmo o Teams, logo ao lado de outros que responderam sobre Zoom (20%), Big Blue Botton (10%) e ainda um restante pelo Google Meets e Google Hangout. Já para aulas assíncronas, 65% utilizavam algum tipo de Nuvem (Google Drive, One Drive, Dropbox, etc.) ao lado de outros 40% e 35% que apontaram também utilizar o próprio e-mail ou mídia sociais, respectivamente, para disponibilizar materiais às turmas e até contatar os alunos individualmente quando em necessidade.

Então, agora conhecendo as preferências docentes em relação às plataformas para execução das aulas, buscamos, propriamente, compreender as dificuldades que encontraram nesta tarefa, tanto no síncrono quanto no assíncrono. Das 20 respostas, resume-se, inicialmente, que um obstáculo geral foi “aprender a lidar com as plataformas digitais”, sobretudo durante o primeiro semestre de 2020 quando



ainda vivíamos a fase das grandes mudanças e incertezas, seguida da “baixa participação dos alunos” que “se mantinham com as câmeras fechadas” impossibilitando a troca visual discente-docente como num andamento tradicional de aulas. Ademais, outras particularidades mais técnicas também foram observadas, que, como de antes, resumem a adaptação de atividades práticas. Veja no Quadro 3:

**Quadro 3** – Relatos docentes, dificuldades nas aulas síncronas

“Qualidade da internet em alguns horários do dia [...] realização de algumas atividades, especialmente as coletivas e as de criação, cuidado no acompanhamento da execução dos trabalhos online.”
“A maior dificuldade é exibir materiais audiovisuais, já que depende de uma boa conexão dos alunos para a experiência ser boa. Acabo indicando para assistir previamente, mas nem todos conseguem se organizar para isso.”
“O principal problema foi lidar com dificuldades técnicas dos alunos, como lentidão na internet, computadores pessoais lentos e desatualizados, dificuldades deles com a tecnologia digital.”
“Insegurança com relação ao manejo tecnológico, pois estava aprendendo/aprimorando e já usando simultaneamente. E, claro, tem-se registrado participação discente muito menor do que no presencial.”

Fonte: Dados da pesquisa, coleta do autor

A mesma questão também foi feita em relação às aulas assíncronas, e novamente uma resposta geral sobre dificuldades foi identificada que também se encaixa na baixa participação discente, conforme Quadro 4:

**Quadro 4** – Relatos docentes, dificuldades nas aulas assíncronas

“Muitos alunos não realizam as atividades assíncronas.”
“Alunos não retornarem as atividades feitas é algo desconcertante e ainda acontece. Claro que, afinal, o resultado de tudo é sempre para eles mesmos, mas me parece que alguns ainda acham que estão fazendo algo por mim ao postarem uma atividade.”
“Alunos não visualizando, porque não quiseram. Baixa adesão às propostas assíncronas.”
“Alunos que não sabiam onde procurar os arquivos, problemas na internet dos alunos, o que dificultava o acesso aos materiais.”
“Alunos que não acessam o ambiente virtual de aprendizagem regularmente.”

Fonte: Dados da pesquisa, coleta do autor

Dentre as respostas, observou-se também que muitos dos docentes, inclusive os que reconheceram não possuir o costume assíduo de utilizar o Moodle antes da pandemia – estes apenas compartilhando seus materiais aos alunos por aulas expositivas, debates ou outras formas de construções presenciais – sentiram-se surpresos e satisfeitos com a padronização à plataforma e com seu nível de praticidade para estabelecer a organização curricular e disponibilizar os materiais aos alunos. Porém, a falta de acesso desses últimos ao material, seja mesmo pela “falta de interesse” ou por qualquer outra razão pessoal do discente, tornou-se o fator que mais comprometeu o ritmo normal das aulas, apesar de remotas.

No entanto, os docentes também reconheceram que positivamente a partir do segundo semestre de 2020 até o período atual, a participação discente tem melhorado muito, tornando-se bem mais comprometida e responsável às aulas, trabalhos e materiais, mesmo diante das adversidades – o que agilizou o planejamento no Ensino Remoto num andamento mais fluído e estabelecido, sem mais necessidade de trabalhosas mudanças para acompanhar os ritmos individuais de cada aluno. Por fim, encerramos a seção de planejamento com um último questionamento: de que maneira os fatores do próprio isolamento social, externos às tecnologias, impactaram no trabalho docente pelo Ensino Remoto, e quais foram? As respostas apontaram uma gama de situações: poluição sonora, rotina familiar, necessidade por equipamentos mais avançados, mudanças e quebras de ritmo nas tarefas da casa foram apenas alguns. No entanto, uma resposta chamou atenção sobre um fator de extrema importância: o impacto emocional causado pela pandemia. Segue o depoimento coletado no Quadro 5:

**Quadro 5** – Relato docente, impacto emocional da pandemia

“Para mim, a questão emocional é a que pesa mais, ainda, em termos de isolamento. Mais que a financeira [...]. O grande medo de adoecer e adoecerem familiares e amigos [...] insegurança com futuro, ansiedade, sono muitas vezes nada restaurador, estafa mental, esquecimentos/falhas de memória, cansaço por ficar muito tempo em frente às telas, sentada, na mesma posição [...]. Para o meu desempenho profissional o problema nunca foi o trabalho remoto, de casa – inclusive prefiro. O problema foi o isolamento social e a ansiedade aumentada devido à circunstância de insegurança generalizada provocada pela pandemia.”

Fonte: Dados da pesquisa, coleta do autor.

É importante reconhecer as colocações: temos uma visão bastante humanizada e orgânica de como foi, para um professor, a tarefa de adaptar todas as suas aulas para um formato até então desconhecido somado às preocupações pessoais quanto ao ambiente vivenciado de incertezas e de medo da pandemia. Uma vez que o ensino não fora deixado de lado, mas mantido pelo modelo emergencial, da mesma forma seguiram as atividades docentes: sem pausas ou espaços para erro. Novamente, disso temos o embasamento da fala de Appenzeller et al (2020) sob os grandes desafios sentidos pelo docente na migração para o Ensino Remoto Emergencial.

Portanto, coletada a visão de como foi o planejamento inicial, as mudanças sentidas e os principais desafios encontrados, avançamos o questionário à segunda seção – esta para compreendermos quais tecnologias e quais formatos esses mesmos docentes se utilizaram para viabilizar / facilitar seu processo de ensino em tempos de pandemia.

#### 4.3 SEÇÃO II – QUESTÕES SOBRE TECNOLOGIAS E FORMATOS EMPREGADOS

Como em momento anterior, de imediato uma informação chave foi coletada da seção, referente ao seu tema: considerando uma lista de multiformatos (múltiplas respostas) para se trabalhar nas aulas

síncronas e assíncronas, solicitamos aos docentes que marcassem qual deles mais tinham utilizado no trabalho do conteúdo aos alunos – com sua adição, no caso de formatos não presentes na lista.

A grande maioria, 95% das respostas apontavam o Audiovisual; logo em seguida tivemos o Texto (livros, ebooks, PDFs, etc.) com 85% de utilização; 65% para Áudios e Podcasts; e por último, 60% para Imagens (fotos, esquemas, gráficos, etc.). Considerando a amplitude do audiovisual, que praticamente engloba os demais formatos apontados, o dado resume sua importância na área da Comunicação Social – sobretudo agora, na pandemia, onde significativamente foi intensificada a produção de videoaulas, streamings, os trabalhos com “telas” e demais comunicação audiovisuais, como já podemos conferir dos trabalhos de Morais (2021) e Faria (2021).

De seguimento, buscamos compreender por qual formato os docentes mais tinham – agora – “preferência” para trabalhar suas aulas. Houve entre a maioria uma concordância: não se tratando do formato em si, mas uma preferência por qualquer meio capaz de promover o debate, a integração e a interação entre os alunos. As tecnologias se diversificaram entre as lives comuns, outras peças audiovisuais, e até mesmo jogos digitais. Algumas respostas inclusive evidenciaram a comentada melhoria do engajamento discente no decorrer de 2020, e a importância emocional desse período. O Quadro 6 traz algumas das colocações vistas:

#### Quadro 6 – Relatos docentes, preferências de aula

“Não consigo visualizar um formato específico. Acho que tudo que demanda uma certa forma de discussão e interatividade, conectada com uma boa curadoria de materiais, sobretudo visuais para provocar reflexão e debate, tende a funcionar bem. Isso ajuda na fixação de conteúdo e engaja. As aulas síncronas também são de extrema importância no modo remoto, no meu ponto de vista. Isso traz a sensação de presencialidade e gera envolvimento. De modo geral, tenho a sensação de que minhas aulas têm funcionado ao levar esses aspectos em conta.”
“Aula dialogada. Bate papo por microfone e por chat durante a aula. Assuntos complementares aos conteúdos formais. Relações estabelecidas entre os conteúdos e a realidade do país. Abertura para falarmos sobre as nossas fragilidades emocionais no sentido que, antes de alunos, são pessoas; antes de profissionais, são humanos. A prioridade é - ou precisaria ser - o nosso bem estar, antes de qqr conteúdo. Ninguém aprende em dor, medo, tristeza, ansiedade. Qdo vc não está bem, vc não presta atenção no que a professora fala, no conteúdo ministrado. A ideia é não ter aulas de corpo presente, sem mente e coração igualmente presentes. Se há necessidade de conversarmos, conversemos. Eu sou uma professora da Comunicação. Eu acredito no poder da Comunicação.”
“Tudo o que envolva interação, mas não necessariamente em técnicas recentes. Falo do engajamento que se alcança num debate, por exemplo, a partir de uma apresentação de trabalho com tema atrativo. Outra coisa que funcionou muito bem foi - frente à impossibilidade de termos monitores (bolsistas) - eu fazer parte da avaliação qualitativa o envolvimento com atividades laboratoriais extras. 95% dos alunos da turma de Radiojornalismo II se engajaram nisso e a programação jornalística ficou melhor e mais diversificada agora do que no último semestre (2020-II).”
“A experiência mais recente que funcionou foi a criação de um jogo online para trabalhar o conteúdo da aula expositiva dada no dia. Dessa forma, os alunos participaram mais ativamente da aula e demonstraram vontade de participar realmente. O engajamento foi notado mesmo após acabar o tempo da aula, pois muitos continuaram jogando até alcançar uma pontuação maior com base nos acertos.”

Fonte: Coleta do autor, a partir do questionário

Em dado momento, no trabalho de Petermann et al (2020) foi considerado o uso das mídias e redes sociais no ensino de Publicidade e Propaganda durante a pandemia. Para nós, a padronização no uso do Moodle e do Teams, foi pensada a se evitar situações de divergências ou perdas nas trocas de trabalhos/atividades entre alunos e professores que poderiam ocorrer num uso restrito a redes sociais ou meios mais livres. No entanto, é inegável o poder de comunicação que essas mídias possuem – sobretudo na pandemia (ROCHA et al, 2020) – e, por isso mesmo, adaptamos uma questão para compreender em nossos cursos que papéis desempenharam nas metodologias docentes, se contribuíram ou atrapalharam.

Dentre as repostas, seu uso foi visto, principalmente, para “alcançar” com avisos e lembretes os alunos que não acessam as plataformas institucionais. Além disso, alguns docentes também apontaram as redes como fundamentais na pauta de conteúdo, temas, acontecimentos e atualidades para debates em aula – como esperado em cursos da Comunicação Social, que se valem do mundo contemporâneo e das tecnologias de comunicação. Enfim, concluíram de modo geral que um ensino aliado nas mídias sociais sob um uso objetivo, letivo e restrito aos fins acadêmicos é sempre positivo e dinâmico, dado o caráter imediatista do que acontece nas redes, que se repercute do nosso mundo.

Saindo, então, das mídias sociais, para analisar tecnologias mais específicas que compõe as aulas e trabalhos nos respectivos cursos, questionamos aos docentes quais ferramentas, softwares, equipamentos ou demais recursos eles consideram essencialmente necessário à execução de suas dinâmicas – como por exemplo, máquinas fotográficas e softwares de edição de imagem para disciplinas de fotografia, produções audiovisuais, documentais ou afins. Nesse momento, tivemos variedade nas respostas de acordo ao caráter das disciplinas: aulas práticas que propriamente se utilizam de recurso específicos possuem mais essa demanda; já nas aulas teóricas, o conteúdo pode ser mais adaptado conforme as disponibilidades do aluno, e as escolhas são mais “livres”, com uso da criatividade ou de recursos mais simplificados, gratuitos. No Quadro 7, os relatos ilustram ambas as situações:

**Quadro 7 – Relatos docentes, tecnologias específicas**

“São muitas as possibilidades e necessidades. De softwares e hardwares de áudio a softwares e hardwares de vídeo.”
“Para as minhas aulas é necessário que os alunos tenham acesso a computador e internet. Com isso já conseguem executar as atividades propostas nas minhas disciplinas. Alguns alunos acessam apenas pelo celular, e daí já não conseguem desenvolver o que é pedido 100%.”
“Aulas de produção audiovisual - câmeras, celulares e software de edição de imagens. Aulas de produção de conteúdo - as mesmas e aplicativos para criação de sites e blogs.”
“O ensino da fotografia demanda algumas necessidades, como ter acesso a câmeras fotográficas e ou aparelhos celulares com este recurso e qualidade no mesmo, também acessórios como objetivas, iluminação adequada dependendo da disciplina e softwares para edição de imagem.”
“Os estudantes precisam ter programa gráfico em uma das disciplinas que ministro. A adaptação é feita quando o aluno não tem programas no seu computador, então utilizamos algum aplicativo gratuito online para criar peças gráficas.”

“Para as atividades práticas de minhas disciplinas, os alunos precisaram utilizar software especializado em edição de imagens. No caso, utilizamos versão de avaliação dos programas do pacote Affinity (programas Photo, Designer e Publisher). Também utilizamos armazenamento na nuvem.”

“Nas minhas disciplinas, em mtas atividades, alunos determinam suas escolhas, são livres para definir tecnologias. Não faço restrições. Não é algo sobre o qual eu tenha muito controle ou exigência. [...]”

Fonte: Coleta do autor, a partir do questionário

Dessas informações temos outra vez a realidade observada por Godoi *et al*, (2020) anteriormente de que as disciplinas práticas geralmente são as que mais “sofrem” com as mudanças de um ensino não presencial e que assim recai sobre o docente a tarefa de pensar numa adaptação que possa contemplar o aluno – visto que eles, em seu ambiente, podem não ter os mesmos recursos disponibilizados pelas instituições de ensino. Mas apesar das diferentes respostas, também foi possível se observar que pelo menos uma disponibilidade básica é fundamental para frequentar aulas no Ensino Remoto: um computador *desktop* / *notebook* e uma conexão com a internet para acessar as plataformas.

Por fim, encerramos a seção de tecnologias com uma última questão para concluir nossa visão docente construída de como é dar aulas no Ensino Remoto: descrever a dinâmica utilizada para realizar provas e demais atividades avaliativas. Outra vez, tivemos uma infinidade de respostas diferentes – métodos adaptados, outros “improvisados” – conforme o caráter da disciplina, mas com um elemento comum resumindo: a promoção de debates, diálogos e trocas para estimular a participação e a integração da turma. Relatos no Quadro 8:

#### Quadro 8 – Relatos docentes, dinâmicas de avaliação

“Provas individuais e com consulta aos materiais deles e disponibilizados por mim no AVA, questionários no Moodle ou formulários Google que são respondidos durante o período de aula.”
“Resenhas críticas de filmes/docs, quiz, questionários com perguntas dissertativas, questionários/testes (prontos) online fornecidos por empresas, criação de poesia, texto opinativo, pesquisa de imagens-referência, planejamentos, etc.”
“Ao longo do semestre passados, utilizou-se diversas estratégias avaliativas, desde a tradicional prova sendo substituída por questionário online com preenchimento síncrono, até a demanda de trabalhos individuais e coletivos, apresentações, seminários, bem como construções interativas.”
“Mostrei, por vídeo, como fazer a atividade prática no software utilizado na disciplina. Depois, pedi para eles também fazerem nos seus computadores, porém com personalização na atividade (para não gerarem resultados idênticos ao do professor). Aí, dei um prazo de entrega de uma semana. Fiz essa dinâmica mais de uma vez e parece ter funcionado!”
“As atividades avaliativas que desenvolvo são variadas. Desde apresentações de trabalho até provas realizadas com ou sem tempo determinado via Moodle ou Via formulários do Google. A participação das atividades também é considerada.”
“O aluno fez e faz o trabalho fotográfico fora do horário das aulas, tem acesso a discente para resolução das dúvidas e produzir melhor e corretamente o material e apresentava os resultados nas aulas síncronas e com a presença dos demais colegas.”
“Seminários avaliativos com apresentação on line e análises postadas no moodle. Resenhas, sínteses, questionários e artigos, todos via moodle”

Fonte: Coleta do autor, a partir do questionário

O Moodle institucional e a plataforma virtual (obrigatoriamente Teams, após 2020/2) serviram de âncora num geral das dinâmicas de avaliação, apesar de todas as outras estratégias empregadas. Não houve disciplina, em nenhum dos cursos – prática ou teórica – que não tenha passado por uma reestruturação completa desse processo para com os alunos. Mesmo assim, a maioria dos docentes observou em suas respostas uma positividade gradual na adaptação para executar suas disciplinas e respectivas avaliações “normalmente”, em caráter remoto. E logo, na seção seguinte (e final do questionário), pudemos confirmar esses fatos.

#### 4.4 SEÇÃO III – AVALIAÇÃO DOCENTE: ADAPTAÇÃO / MIGRAÇÃO AO ERE

Depois da coleta de todos os dados para construir nosso panorama de Ensino Remoto a partir da visão docente, encerramos o questionário propondo uma avaliação pessoal ao docente sobre seu papel no ERE. Primeiramente, questionamos sobre sua(s) disciplina(s), sobre como ele as considera, disponibilizando uma escala numérica (1 – 5) para “pouco adaptável” e “bem adaptável”. Nessa seção, as respostas foram analisadas individualmente<sup>4</sup> conforme requeríamos uma compreensão precisa de quais docentes (de quais disciplinas) se encontravam na autoavaliação coletada.

Uma soma de 75% (entre números 4 e 5 da escala) considerou suas disciplinas como adaptáveis ao formato de Ensino Remoto – o que nos foi possível cruzar com o primeiro dado encontrado no estudo: grande parte de ambos os cursos é composta por disciplinas que se dividem tanto em caráter prático quanto teórico. Apenas um grupo específico (25%) considerou mais complexo o processo de adaptação. Este se resumia naqueles docentes com disciplinas englobando áreas do audiovisual, da fotografia, do design digital ou com a necessidade de tecnologias específicas que são fornecidas pela instituição para disciplinas de caráter prático, e que tiveram de ser repensadas e reestruturadas no formato remoto. Portanto, logo em seguida, questionamos sobre como o docente sentia a própria adaptação no ERE, ao invés da disciplina, considerando todos os aspectos trabalhados no questionário.

Como resposta, outra soma, 85% (também entre números 4 e 5) consideram-se adaptados ao formato sobre uma gama de questões como o uso das plataformas digitais, ferramentas e multiformatos, aulas síncronas, assíncronas, trabalhos e avaliações remotas, e etc. Apenas 15% dos participantes apontaram não sentir uma adaptação efetiva (entre números 2 e 3). Ainda assim, toda a questão trouxe um dado geral bastante positivo considerando em maioria os docentes e as disciplinas com adaptação bem sucedida – o que também pudemos confirmar com os relatos discorridos ao longo do estudo. Por fim, a última questão da autoavaliação também nos trouxe outro dado encorajador.

---

<sup>4</sup> Neste artigo, identidades dos docentes preservadas em anonimato, conforme termo de sigilo enviado ao Comitê de Ética sobre a pesquisa.

Dentre as várias reflexões tiradas da pandemia, uma delas foi a certeza de “um contexto instável e de mudanças” (FILHO, 2020, p. 51) que vivenciamos hoje – onde um evento remoto do outro lado do mundo é capaz de influenciar completamente as nossas vidas. Por conseguinte, questionamos aos docentes se eles se – com base em sua adaptação – sentiam-se também confiantes para lecionar *novamente* no Ensino Remoto, diante de todas as possíveis futuras situações de adversidades que possam surgir no mundo. A resposta: novamente uma maioria somando 80% apontou segurança e confiança para lidar com o modelo outra vez; apenas 20% permaneceram em “neutro” e nenhuma resposta abaixo disso – que propriamente indicaria insegurança – foi obtida.

Finalizando, ainda disponibilizamos um espaço aos docentes para comentar sobre que aprendizados adquiriram (ou ainda adquirem) na experiência de lecionar no ERE. Confira no Quadro 9:

**Quadro 9** – Relatos finais, aprendizados

“Aprendi muita coisa neste ano, com certeza, as plataformas, mexer no OBS, novas fontes de pesquisa e informação. Experiência a evitar, acredito que deixar um dia no final do semestre para entregas atrasadas nunca mais vou fazer.”
“Aprendi muito, utilizava pouco as tecnologias remotas e com a transição foi necessário aprender a utilizar as ferramentas.”
“Aprendi muito. Posso dizer que meu letramento digital teve um upgrade considerável após a pandemia. Eu não costumava utilizar o moodle e nenhuma das plataformas que possibilitam as lives. Hoje já sei utilizar várias e os pontos positivos e negativos de cada uma. Já experimentei e testeí um pouco de tudo. E continuo aprendendo todos os dias.”
“Devido a necessidade das disciplinas de fotografia, me aprofundi e acrescentei ao estudo dos conteúdos a tecnologia mobile. A mesma possibilita o estudo da fotografia, mesmo que de forma diferenciada do estudo aplicado aos equipamentos fotográficos.”
“Aprendi a editar áudio e vídeo e buscar mais atividades onde o aluno interage com os colegas. Evitaria deixar muito material disponível para que o aluno escolha, pois ao ficar na dúvida qual texto ler ou vídeo ver acaba não fazendo nada, desestimula, então penso que o professor dá o foco da aula e pode sugerir a busca de novos materiais ou disponibiliza para consulta futura... Mas na aula é preciso direcionar.”
“Aprendi a usar outros aplicativos de performance de aulas em capacitações para integrar às disciplinas, mas ainda tenho dúvidas se elas são efetivas para melhorar conteúdo. Melhorei o conhecimento e o uso de apps para audiovisual que podem ser opções para os acadêmicos. As metodologias ativas já faziam parte dos meus planos e agora acredito que o híbrido seja uma opção que ganhará força dentre elas.”

Fonte: Dados da pesquisa, coleta do autor

E resumindo suas respostas, percebemos o amplo aprendizado docente nas suas próprias práticas letivas, agora fundamentalmente sustentado pelas contemporâneas Tecnologias da Era Digital assim como da Informação e da Comunicação (TIC) – que se apresentam como as alternativas para contornar as adversidades encontradas no Ensino Remoto Emergencial e, de maneira geral, no panorama de ensino em tempos de pandemia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste estudo, foi possível concluir um perfil docente para os cursos de Publicidade e Propaganda e de Jornalismo na Universidade Franciscana, frente à migração repentina ao

Ensino Remoto: um grupo capacitado, confiante e adaptado às dinâmicas impostas pelo modelo adotado na Instituição. Mesmo apesar do avanço no processo de ensino ter sido gradual – ou mais lento, em alguns casos – todos os relatos coletados reconhecem unanimemente uma evolução bem-sucedida no ritmo das aulas, na abordagem de conteúdo, matérias, trabalhos e atividades em geral, ao decorrer do segundo semestre de 2020, quando a realidade começava a se “estabelecer” em nossa rotina. E tudo, mesmo também diante de todas as mudanças e desafios observados – que não foram poucos.

Conforme os objetivos, podemos pontuar a mudança na produção dos materiais aos alunos, nas atividades práticas propostas e na substituição de tecnologias – itens que tiveram de ser precisamente ponderados pelo docente à não desamparar os alunos, nem abrir margem de dúvidas ou se restringir à formatos / tecnologias não acessíveis. E desses alunos, ainda, tiveram de enfrentar o desafio da baixa interação durante as aulas, da falta de assiduidade com atividades no Moodle ou nas plataformas e, principalmente, de uma aula para “quadros e imagens”: câmeras e microfones fechados impossibilitando a integração e o diálogo docente-discente – além das questões emocionais que impactaram todos nós com medos e incertezas.

Reconhecemos um corpo de 20 docentes que precisou completamente se reinventar do ensino tradicional, dentro das tecnologias e formatos que tanto nos pareciam corriqueiros – como o vídeo, o texto, o áudio e as imagens – e que agora mais do que nunca mostram seu papel na Comunicação Social com inúmeras alternativas para tratar o Ensino Remoto, enriquecer e diversificar as aulas. Não obstante, pudemos perceber o papel desempenhado pelas mídias e redes sociais como extensão de recursos e do próprio professor, também, como pauta de conteúdo para debates, atividades, e até como meio de comunicação mais direto/informal

Dentre várias colocações, podemos acima de tudo perceber nos respectivos cursos um novo panorama de ensino, a partir da visão docente coletada – que vai diretamente de encontro à nossa primeira produção do projeto de pesquisa onde foi concebido o ensino remoto como um cenário tanto de desafios quanto de possibilidades (GHISLENI; BARRETO; BECKER, 2020). Ainda, pudemos conceber uma percepção docente acerca de uma “hibridização” nos modelos de ensino: impulsionadas pelas mudanças do Ensino Remoto, estas tecnologias observadas ganharam força nas estratégias docentes não apenas como suporte durante a pandemia, mas como alternativa permanente para dinamizar o formato do ensino.

Enfim, pela conclusão deste trabalho, temos argumentada a visão docente do Ensino Remoto Emergencial nos cursos de Publicidade e Jornalismo da UFN: uma experiência bastante produtiva – mesmo num modelo de ensino novo em um contexto de incertezas – com a possibilidade de aprender



com novas tecnologias, novos formatos e várias novas alternativas de contornar adversidades e ressignificar o ensino da Comunicação Social.

## REFERÊNCIAS

APPENZELLER, S. et al. *Novos Tempos, Novos Desafios: estratégias para equidade de acesso ao ensino remoto emergencial*. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 44, 2020.

ARRUDA, E. P. *Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19*. Em Rede-Revista de Educação a Distância, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

CASTAMAN, A. S.; RODRIGUES, R. A. *Educação a Distância na crise COVID - 19: um relato de experiência*. Research, Society and Development, v. 9, n. 6, e180963699, 2020.

FARIA, N. H. S. *A indústria do entretenimento e a expansão do streaming em meio a pandemia*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha. 2020. Disponível em <http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1371/1/Monografia%20-%20Naiara%20Helena%20Salviano%20Faria.pdf>. Acesso em 01/07/2020.

FILHO, A. B. *Comunicação e Covid-19*. Castro D., Dal Seno, D. & Pochmann, M. (org.). Capitalismo e a Covid-19. São Paulo, p. 47-55, 2020.

GODOI, M. et al. *O Ensino Remoto durante a pandemia de covid-19: desafios, aprendizagens e expectativas dos professores universitários de Educação Física*. Research, Society and Development, v. 9, n. 10, p. e4309108734-e4309108734, 2020.

JOYE, C.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. *Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19*. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. e521974299-e521974299, 2020.

MICHEL, M. H. *Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MORAIS, L. F. G. *Educação infantil em telas: articulações possíveis entre comunicação, educação e tecnologias na produção de videoaulas durante a pandemia de Covid-19*. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.225>. Acesso em: 01 jul. 2020.

MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. M. V. *Transitando de um Ensino Remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia*. Dialogia, p. 351-364, 2020.

OLIVEIRA, R. M.; CORRÊA, Y.; MORÉS, A. *Ensino Remoto emergencial em tempos de covid-19: formação docente e tecnologias digitais*. Revista Internacional de Formação de Professores, v. 5, p. e020028-e020028, 2020.

PETERMANN et al. *Ensino Remoto de publicidade e propaganda em tempos de pandemia*. Relatório produzido pelo Grupo IEP – Inovação no Ensino de Publicidade, 2020. Disponível em [https://a3206998-0117-4487-bafc-c62fc921a86a.filesusr.com/ugd/bb9c7e\\_99434b4c2cfd4ca0a05b8b92e3fa59d9.pdf](https://a3206998-0117-4487-bafc-c62fc921a86a.filesusr.com/ugd/bb9c7e_99434b4c2cfd4ca0a05b8b92e3fa59d9.pdf). Acesso em 03/04/2020.

RABELLO, M. E. *Lições do coronavírus: ensino remoto emergencial não é EAD*. Desafios da Educação, 2020. Disponível em <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-ensino-remoto/>. Acesso em: 06 out. 2020.

ROCHA, C. R. da et al. *A utilização das redes sociais como estratégia para continuidade da extensão universitária em tempos de pandemia*. RAÍZES E RUMOS, v. 8, n. 1, p. 261-269, 2020.

VALENTE, G. S. C. et al. *O Ensino Remoto frente às exigências do contexto de pandemia: reflexões sobre a prática docente*. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, p. e843998153-e843998153, 2020.

***Title***

Education in times of pandemic: Remote Teaching from the teacher's point of view in the Publicity and Propaganda and Journalism courses at Universidade Franciscana.

***Abstract***

Inserted in the theme of teaching in times of pandemic, this is an exploratory bibliographic study of Social Communication that was developed at the Franciscana University and applied directly to the teaching staff of the Publicity and Advertising and Journalism courses, with the general objective of understanding the impacts of Remote Teaching – adopted by the institution – in its traditional methodologies and dynamics. To collect information, a questionnaire via Google Forms was developed from two different groups of authors as a theoretical basis: Moreira, Henriques and Barros (2020) and Petermann et al (2020). From the interpretation of their work, we adapted 3 sessions of questions in our study: 1) questions about teacher planning; 2) questions about the technologies used in remote learning; and 3) an assessment conducted by the teacher to reflect on their adaptation to the format. The questionnaire was sent to a total of 20 professors divided between the courses and, positively, it obtained the maximum number of responses. As a result, we were able to understand the panorama of Remote Teaching through Social Communication at the Franciscan University: an adapted and safe faculty to teach in this model - even despite the adversities encountered - recognizing the technological and methodological changes in this scenario as opportunities to "hybridize" teaching (even in the future, after the pandemic) giving new meaning to learning with contemporary technologies of the Digital Age and Information and Communication.

***Keywords***

Pandemy; Social Communication; Teaching; Adaptation

---

Recebido em: 23/07/2021.

Aceito em: 27/09/2021.